

SANTAELLA, Lúcia; CRUZ, Kalynka (orgs.). *Amazônia digital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2024.

dx.doi.org/  
10.23925/1984-3585.2025i31p206-209

## Resenha do livro *Amazônia Digital*

Licensed under  
[CC BY 4.0](#)

Juliana Neumann Borges<sup>1</sup>

A introdução de tecnologias digitais na Amazônia gerou em mim uma preocupação sobre a influência dos diferentes dispositivos de mídias na formulação cultural de comunidades indígenas da região. Se de um lado, existem saberes ancestrais e práticas que antecedem a formação do Estado brasileiro que reforçam a autonomia desses povos, de outro há o contato frequente com ferramentas e informações externas capazes de afetar, ou modificar, um modelo de existência e interpretação de sentidos que existe há milhares de anos.

Esse cenário reflete o confronto entre autonomia e heteronomia, retratado por Otacílio Amaral Filho (2024) no capítulo 3 do livro *Amazônia Digital*. Heteronomia significa ser governado por outro, estar sujeito à vontade de terceiros, já a autonomia se relaciona à capacidade de se governar pelos próprios meios.

Félix Guattari, em sua obra *As três ecologias*, sugere que o Capitalismo Mundial Integrado, nome dado por ele ao sistema econômico vigente na maior parte do globo, cria novas subjetivações (desejos, afetos, maneiras de ser e viver no mundo) em seu próprio benefício, para estimular consumo e modos de vida alinhados aos interesses políticos e econômicos de grandes corporações (Guattari, 1990).

Com essas referências em mente, surge a seguinte pergunta: como a cultura de povos originários se expressa no ambiente digital que é por um lado espaço de exercício

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, bolsista CNPq pelo Projeto Programa Engajados, pesquisadora do Projeto Guardiões de Parelheiros, Biota FAPESP e do Fundo Agroecológico (<https://www.fundoagroecologico.org/>) estuda mudanças climáticas, agroecologia, antropoceno, políticas públicas e impacto socioambiental. E-mail: [ju.neumann@gmail.com](mailto:ju.neumann@gmail.com). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2189176425785003>.

de poder e de domínio do capital, mas por outro um ambiente de emancipação e visibilidade da ancestralidade, sobretudo como alternativa às próprias crises criadas pelo sistema?

Neste contexto, a coletânea de textos organizada por Lúcia Santa-ella e Kalynka Cruz, *Amazônia Digital*, reúne análises interdisciplinares sobre os impactos das tecnologias digitais na comunidade indígena Mê-bêngôkre-Kayapó, especificamente na aldeia A'Ukre. Trata-se de uma importante cartografia sobre o uso de mídias (rádio, TV e vídeo) como ferramentas de comunicação dentro do território Kayapó e sobre os desafios enfrentados com a entrada da população no ciberespaço após a instalação de antenas da Starlink (serviço de internet por satélite). A liderança da aldeia, representada pelo cacique Kakêt, sugere uma preocupação crescente relacionada ao distanciamento dos jovens de suas tradições, rituais e até mesmo do idioma, a língua Kayapó (Cruz; Zanotti, 2024).

O colonialismo digital, expresso pela expansão da Starlink nas aldeias indígenas, reforça o interesse em capturar, vigiar e usufruir de dados culturais. Nesse ponto, Kalynka Cruz e Raphael Uchôa (Cruz; Uchôa, 2024) dialogam com o conceito de “capitalismo de vigilância” de Shoshana Zuboff, e indicam um novo modelo de extrativismo: o algorítmico.

Contudo, é difícil deixar de lado que a internet não apenas diminui distâncias físicas e permite conexões antes impensáveis, mas também facilita o alcance do exercício de resistência e militância organizado pela identidade ancestral com objetivo de disseminar e preservar crenças, saberes e memórias (Amaral Filho, 2024). Neste aspecto, é interessante observar a insurgência de vozes indígenas mobilizadoras nas redes com com estratégias de comunicação que muitas vezes conseguem furar a bolha algorítmica e alcançar milhares de seguidores, como é o caso de Txai Suruí, Alice Pataxó, entre outros.

O capítulo sobre o ativismo transmídia (Alzamora; Gambarato, 2024) evidencia como movimentos como #PrayForAmazonia ou #AIA-pagamentoIndigena criam dinâmicas de visibilidade e mobilização em grande escala. Porém, os autores alertam que muitas dessas ações caem no simples compartilhamento de hashtags, sem ações práticas para de fato mudar realidades, por isso recomendam estratégias comunicacionais de ampliação de voz e autonomia.

Esse olhar me lembra Bruno Latour em *Dante de Gaia* que sugere que a transformação ambiental atual cria três tipos de reações: existem aqueles que ignoram o problema, e acham que é só mais uma crise passageira, aqueles que ficam intrinsecamente impactos, mas entram em um

estado de paralisia, e por último aqueles que verdadeiramente arregaçam as mangas para agir (Latour, 2020, pg. 23-24). Como diz Krenak: “há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanaidade” (Krenak, 2019, p. 30).

*Amazônia Digital* faz um convite para atuar com responsabilidade, criar projetos para reconstruir lugares de refúgio e contar histórias que simbolizam um novo começo (Haraway, 2023). As comunidades indígenas, como é o caso dos Kayapós, são exemplos de resistência não apenas às imposições do sistema econômico vigente, mas também uma amostra da integralidade entre natureza e cultura. Uma relação de devir-com a natureza, de simpoiesi (Haraway, 2023).

O olhar da ecossemiótica, proposto por Santaella e Nöll no primeiro capítulo, reforça a comunicação entre humanos e não humanos e seus ambientes por meio de signos — linguagem, movimentos, ações, sons e ritmos. Desafiam a concepção antropocentrista cartesiana ao sugerir que a relação semiótica não se restringe apenas aos humanos, pois no ambiente natural, todos os organismos se comunicam e produzem sentido. A natureza é uma rede complexa de vida e linguagem. E, os povos originários acumulam saberes suficientes para entender os signos emitidos pelo ciclo das chuvas, das marés, canto dos pássaros, cheiro da terra - tudo tem significado. E, por meio deste encontro da semiótica com ecologia, é possível compreender as relações sociais, psíquicas e sociais que formam a cultura ancestral.

Tal leitura conversa com experiências que observo em pesquisas com coletivos agroecológicos no extremo sul da cidade de São Paulo. Assim como acontece com os Kayapós, a narrativa dessas pessoas se constrói na conciliação entre natureza e cultura, porém fatores externos podem alterar as dinâmicas de poder e autonomia dessas comunidades.

## Referências<sup>2</sup>

ALZAMORA, Geane Carvalho; GAMBARATO, Renira Rampazzo. Ativismo transmídia na Amazônia. In: SANTAELLA, Lucia; CRUZ, Kalynka (orgs.). *Amazônia digital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2024. p. 133-149.

---

<sup>2</sup> As referências citadas tiveram apoio da ferramenta de inteligência artificial ChatGPT, da OpenAI, para checagem de normas da ABNT.

AMARAL FILHO, Otacílio. Amazônia conectada e outras Amazônias da cultura. In: SANTAELLA, Lucia; CRUZ, Kalynka (orgs.). *Amazônia digital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2024. p. 49-65.

CRUZ, Kalynka; UCHÔA, Raphael. A Starlink e o colonialismo digital na Amazônia. In: SANTAELLA, Lucia; CRUZ, Kalynka (orgs.). *Amazônia digital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2024. p. 156-170.

CRUZ, Kalynka; ZANOTTI, Laura. Entrevista com o cacique Kakêt Bepuneiti da aldeia A'Ukre. In: SANTAELLA, Lúcia; CRUZ, Kalynka (orgs.). *Amazônia digital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2024. p. 175 - 176.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*, trad. de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazendo parentes no Chthuluceno*, trad. Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*, trad. Maryalua Meyer. São Paulo: Ubu, 2020.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. Atualidade da ecossemiótica para pensar a Amazônia. In: SANTAELLA, Lucia; CRUZ, Kalynka (orgs.). *Amazônia digital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2024. p. 15 - 26.